

Entre Poder e Religiosidade: uma análise dos discursos Fálaris I e II, de Luciano de Samosáta.

Amanda Nogueira Monteiro¹ (IC)

amanda.monteior@gmail.com

UEG- Campus Uruaçu-GO

Endereço: Rua 607 N° 42; Bairro: Sul I; CEP: 76400-000; Cidade: Uruaçu – GO

Resumo:

O objetivo dessa pesquisa foi refletir sobre a Tirania por meio de um discurso pós-antigo de Luciano de Samosáta. A proposta foi analisar o discurso *Fálaris I e II*, onde conseguimos analisar a tirania de forma mais direcionada entre o poder e a religiosidade. E conseguir extrair a visão apresenta por Luciano nesse discurso.

Palavras-chave: Fálaris – tirania – poder.

Introdução

A pesquisa teve o intuito de compreender a dinâmica entre poder e religiosidade estabelecida no texto de Luciano de Samósata no conjunto de Fálaris I e II. Procuramos analisar os personagens que protagonizam esse discurso, tentando alcançar o quanto eles se aproximam da realidade de seu tempo. Tendo como pergunta: O que Luciano queria revelar ao criar esse conjunto? Buscando expor os personagens e entender o seu papel. Por meio da relação entre poder e religiosidade, estabelecida em Fálaris, que expressam característica de seu tempo.

Luciano nasceu na cidade de Samósata, na província romana da Síria, no século II, em 125. Escreveu mais de 80 trabalhos, conhecidos em conjuntos por *corpus lucianum* (luciânicos). Luciano foi muito influenciado pelo cinismo, conhecido pelos diálogos satíricos, escrevia de forma grego ática, e participava da segunda sofística. Seus trabalhos falavam da sociedade estabelecida ao seu redor, e de forma fictícia ele acusava criticamente a realidade em que analisava.

A proposta dessa pesquisa foi analisar o Tirano Fálaris a partir do texto de Luciano de Samósata: Fálaris I e II. Nesse texto o autor sírio cria um diálogo onde o tirano se apresenta de uma forma bem piedosa e honrosa, através

O conjunto de Fálaris I e II ele cria um diálogo no qual o tirano se justifica através de uma imagem piedosa, e surge um sacerdote que aceita o seu presente e justifica o porquê do oráculo aceitar esse presente. Todo o cenário e perante o julgamento dos sacerdotes delfianos analisando o discurso do tirano, a fim de aceitar ou não o presente de Fálaris ao deus Apolo Pítio, e no segundo momento um dos sacerdotes entra em defesa (em Fálaris II) justifica os motivos de ser aceito.

A forma que Luciano nesse diálogo levar o leitor a refletir sobre um bom governante ou os limites do poder tirânico. Abordando aspectos do poder da tirania, isso que é importante perceber, que ele apresenta a realidade da tirania com o poder em suas mãos, ao justificar os atos ruins com um discurso bondoso. A relação que entre o poder e a religiosidade que se faz presente, já que a oferenda é feita por um governante a um templo.

Nesses textos nota-se bem como Luciano utiliza do discurso de Falaris para expressar as intenções tiranas de apresentar uma justificativa piedosa. Algo muito importante de se notar é que os textos luciânicos servem também para uma compreensão de sua época, e atuação de governos, ao mascarar com o discurso.

O importante dessa pesquisa foi chegar ao resultado de como o autor pós-antigo apresenta a tirania de forma que produz uma reflexão ao leitor sobre as questões sociais. Levando em consideração que Luciano era um autor que não era comprometido com os fatos.

Resultados e Discussão

Luciano de Samósata não é um autor comprometido com a veracidade dos fatos, mas por detrás de suas ficções ele produz no leitor uma reflexão sobre questões sociais de seu tempo. Ele é um autor crítico e cínico que em seus textos vai a diversas questões sociais. Como apresenta Jacyntho Lins Brandão (1996) o autor sírio em seus textos faz críticas ao excesso das condições humanas através do estranhamento.

Em qualquer dos casos, a função de estranhamento tem a finalidade de levar o leitor a perceber o absurdo da condição do homem no

mundo, o ridículo das convenções de que se cerca, a relatividade das crenças que cultiva e a futilidade das esperanças que alimenta. Nesse sentido, a liberdade ficcional mais desenfreada se põe a serviço de *pensar* o comum. (BRANDÃO, 1996, p. 16)

Brandão também apresenta um olhar de estrangeiro que possibilita Luciano a ter essa função de estranhamento. Olhar de estrangeiro devido ser autor sírio que escreve em grego no Império Romano. Dessa maneira ele levava o leitor a refletir sobre o comum através do estranhamento.

Luciano participou da II Sofística, escola retórica que tinha o intuito de manter a tradição helênica segundo Henrique G. Murachco (2007). Segundo Murachco a II Sofística foi fruto de escolas retóricas, e tinha como o objetivo de preservação ao passado grego.

A escrita de Luciano não era apenas limitada a II Sofística o autor sírio também usava o modo de Menipo de Gadara, estilo que segundo Enylton de Sá Rego (1989) utilizava da forma sério-cômico, qual o riso serve como um desarmamento, e mesmo com o cômico em seu estilo leva o leitor a fazer uma reflexão.

No diálogo onde Luciano aborda o tirano Fálaris ele apresenta o poder tirânico e o seu limite. E dividido em Fálaris I e Fálaris II, no primeiro diálogo o tirano oferece um presente ao deus Apolo Pítio e justificando aos sacerdotes delfianos como ele conseguiu esse presente. No segundo diálogo são os sacerdotes aceitando o presente oferecido.

No texto de Fálaris I e II o tirano Fálaris é um personagem que apresenta ao oráculo de Delos sua doação do boi de cobre, que servia como um meio de tortura, onde em sua barriga eram colocados homens e mulheres para serem torturados. O documento que analisamos Luciano apresenta a intenção do tirano ao fazer essa oferenda.

No texto analisado o tirano ganha o touro de Perilau um artista de bronze que no diálogo Fálaris diz ser um excelente artista, mas de mau carácter. Ele oferece o presente ao tirano achando que o lhe agradaria. O presente que servia para punir homens e mulheres:

Então, assim que o vi, exclamei. *‘Eis um objecto digno do [Apolo] Pítio, pelo que este touro deve ser enviado ao deus.’* Mas Perilau, que estava a meu lado, disse: *‘Então que seria, se tu conhecesses a*

arte que está dentro dele e a utilidade que ele proporciona?’ E abrindo o touro pela parte do lombo, disse: ‘Se quiseres punir alguém, fá-lo subir para dentro deste engenho, aferrolha-o lá dentro, aplica estas flautas às narinas do touro e depois ordena que ateiem fogo por debaixo. Então o tipo, ao sofrer dores incessantes, lançará gemidos e gritos, e a sua voz, ao passar através das flautas, produzirá como que sono musicas melodiosos, a flauta soltará um som fúnebre e “mugirá” num tom gemebundo, de modo que o outro é punido, ao mesmo tempo que tu te regozijas ouvindo [tocar] flauta.’ (LUCIANO. Fálaris I. 11)

Fálaris no diálogo reconhece que tal presente é digno apenas do deus Apolo Pítio e assim ele envia o presente aos sacerdotes delfianos justificando suas boas intenções ao enviar o presente, e também que não foi intuito dele tê-lo, que apenas o tinha ganhado também.

A justificativa e em torno que o tirano poderia utilizar do presente com sua própria finalidade, mas como um tirano muito bondoso que ele é, oferece ao Apolo Pítio, pois reconhecia que era um presente cruel e digno apenas do deus. Mesmo podendo utilizar do presente contra aqueles que estão contra o governo tirano, ou usar dele para manter a ordem social.

No I diálogo Luciano começa abordando a intenção do tirano e qual a finalidade de sua oferenda.

Na verdade, estou convencido de que, se porventura conseguir justificar-me perante vós e convencer-vos de que fui justamente acusado de ser cruel, também sairei, através de vós, justificado aos olhos de todas as outras pessoas. E invoco, como testemunha do que vou expor, o próprio deus, a quem não é de modo nenhum possível iludir com falsos argumentos ou enganar com um discurso falacioso. Sim, no que respeita aos humanos, talvez seja fácil enganá-los, mas a um deus, e a este muito particularmente, é impossível escapar. (LUCIANO, Fálaris I. 1)

O tirano começa justificando que se ele conseguisse limpar-se perante aos olhos dos sacerdotes assim também se limparia aos olhos de todas as outras pessoas, podemos perceber o grande poder da religiosidade no meio social. E para garantir que ele está sendo totalmente sincero ele invoca o próprio deus no qual ele faz a oferenda, justificando que ao deus ele não conseguiria enganá-lo.

Na justificativa de Fálaris ele apresenta ter encontrado *a única forma de conseguir refúgio e segurança, e ao mesmo tempo, a salvação da cidade*, tomando o poder e reprimindo as pessoas que conspiravam contra ele, e o acusava de ser *violento, grosseiro, insolente ou inflexível*.

Luciano cria esse personagem com boas intenções e ele mesmo até se justifica:

Na verdade, eu tinha uma maravilhosa esperança de que, pela minha humanidade, pela minha brandura, pelo meu trato afável e ainda pela a igualdade de direitos, os levaria a obedecer-me. Por isso, logo me entendi e reconciliei com os meus inimigos, tendo tomado a maioria deles como meus conselheiros e convidados. Quanto à cidade, ao vê-la arruinada devido à negligência dos seus governantes, muitos dos quais roubavam, ou antes, saqueavam o bem comum, renovei-a com aquedutos, embelezei-a com a construção de edifícios e fortifiquei-a com uma cintura de muralhas... (LUCIANO, I Fálaris. 3)

O personagem tirano ao decorrer do diálogo aponta conspirações contra ele, e aborda que o fato de não ter caído em tais conspirações foi por ser agraciados pelos desus, principalmente por Apolo Pítio. E ele leva até os sacerdote acusações contra aqueles que o persegue. Pedindo aos sacerdotes uma proteção por ter os punidos, justificando que a punição foi por um bem maior:

Então que é que eu fiz nesse sentido? Mandei vir ao implicados, dei-lhes a palavra, apresentei-lhes as provas [do crime] e demonstrei claramente todos os pontos [da acusação]; e quando eles deixaram de [poder] negar, castiguei-os, irritado ao máximo, não tanto pelo facto de eles terem conspirado contra mim, mas por não me terem permitido insistir no tal plano que eu tinha inicialmente traçado. E daí em diante continuo a proteger-me, punido todos aqueles que conspiram contra mim. E ainda as pessoas me acusam de crueldade, sem pensarem em qual das duas partes está a origem primeira do caso! (LUCIANO, I Fálaris. 6)

Fálaris continua abordando que o povo não faz uma análise a que espécie de homem que esta a frente do Estado, que *odeiam puro e simplesmente o nome de tirania bem como o próprio tirano*, mas que já houveram tiranos sensato que tinha um *carácter bondoso e humano*. Podemos notar bem com essas citações e bondade tirana apresentada no diálogo.

A bondade no diálogo é bem presente, Luciano dá ao tirano um discurso humanitário, em alguns momentos o tirano diz preferir a morte que punir pessoas injustamente. Também mostra a bondade do tirano mesmo na hora dele próprio punir, justificando também que na punição a tirania também sofre:

Quantas vezes eu não verti lágrimas, ao ver pessoas a serem flageladas! Quantas vezes não pude deixar de lamentar e deplorar a minha sorte, ao sofrer eu próprio uma punição maior e mais

duradoura [que a dessas pessoas]! Sim, para um homem bom por natureza, mas severo por necessidade, é muito mais penoso punir do que ser punido. (LUCIANO, I Fálaris. 8)

E interessante notar o final dessa citação: *para um homem bom por natureza, mas severo por necessidade, é muito mais penoso punir do que ser punido*. Fálaris apresenta nesse trecho bem como personagem que ele é dentro de todo o diálogo, um homem bom por natureza, que sua severidade é necessária para um bem maior, e que para ele dói muito mais punir do que ser punido.

Outro ponto que o tirano também explica os seus atos severos contra os seus inimigo que conspirava, ele pede conselho dos sacerdotes, como um pedido para que eles se colocassem no lugar do tirano:

Mas se me dissessem: ‘O Fálaris, *preferes morrer injustamente, ou punir justamente os conspiradores?*’, eu escolheria esta última opção. Portanto, [sacerdotes] delfianos, mais uma vez vos invoco como meus conselheiros: O que é preferível: morrer justamente, ou poupar um conspirador que o não merece? Ninguém – creio eu – e tão insensato, que não prefira viver e salvar-se dando a morte aos seus inimigos. (LUCIANO, I Fálaris 9.)

Primeiramente Fálaris não vem justificando seu presente, e sim seu meio de governar, seus alguns atos severos, considerando que ao apresentar aos sacerdotes limparia sua imagem, logo em sequência que ele apresenta sua oferenda e a justifica também.

O tirano ainda apresenta que quanto a Perilau (o artista que fizera o touro) ele mesmo já o havia castigado por tal audácia com um presente tão cruel. Fálaris apresenta que ao ouvir a utilidade do presente ele detestou a ideia da sua fabricação, e aplicou ao criador um castigo adequado.

Ao justificar como o presente chegou ao tirano e como ele castigou o criador, ele se refere novamente o porquê de tudo aquilo a intencionalidade dele:

Quanto a vós, [sacerdotes] delfianos, procedereis com justiça, celebrando, juntamente com os meus delegados, um sacrifício em meu nome e colocando este touro num bom lugar do santuário, para que todos saibam que espécie de homem eu sou em relação às pessoas perversas, e como castigo as suas desmedidas inclinações para o mal. (LUCIANO, I Fálaris, 13)

O diálogo de Fálaris II inicia-se com uma defesa a Fálaris que ao ouvir os delegados se pronunciar sobre o tirano decidiu está a favor. A defesa relatando em

seu discurso que é totalmente imparcial, e que não tem ligações nenhuma ao tirano. Ele pede em favor ao tirano para que não o tratem com ofensas nem rejeite sua oferenda. Ele apresenta três motivos para que os sacerdotes aceitem essa oferenda: *um momento comemorativo de três acontecimentos da maior importância: uma obra de arte de maior beleza, uma invenção extremamente deplorável, e uma justa punição.* (LUCIANO, II Fálaris, 1)

O segundo diálogo é voltado aos sacerdotes aceitarem a oferenda do tirano, e surgirem pessoas que apóiam o tirano. Pois se os sacerdotes recusarem ninguém mais oferecia uma oferenda: *Deste modo, ninguém, daí em diante, se atreveria a fazer ofertas, sabendo que o deus não receberia fosse o que fosse, sem a prévia aprovação dos delfianos.* (LUCIANO, II Fálaris, 3) Também se a mandarem de volta seria o contrário a religião.

O discurso agora parte em defesa dos examinadores de oferenda ao tirano, para que os sacerdotes aceitem sua oferenda, até mesmo declaram que o próprio deus já havia aceitado, defendendo que se ele odiasse a oferenda teria afundá-lo no mar a caminho.

Em final de deixa uma pergunta da defesa: *Sim... como será a vida de uma pessoa que seja julgada indigna de fazer oferenda?* Assim finaliza o segundo diálogo, demonstrando mais ainda a forma bondosa do tirano.

Considerações Finais

Durante a pesquisa foi realizado reuniões para fazer discussões dentro do tema: **Poder, literatura e memória: a representação da tirania em Luciano de Samósata**. Relacionando os subprojetos envolvidos. Foram debates sobre a tirania nos trabalhos de Luciano, e aqui já vimos os resultados.

Analisamos o discurso de Fálaris I e II e percebemos com o autor do diálogo Luciano de Samósata cria um discurso bondoso ao tirano, que se apresenta através de seus delegados ao oráculo de Delfos para fazer uma oferenda ao deus Apolo Pítio.

Em primeiro momento os delegados enviados por Fálaris apresentam as intenções do tirano ao ser severo em alguns momentos, que foram de manter a cidade em ordem e fazer o melhor para o bem comum. Mostrando toda a bondade do tirano mesmo quando deve ser severo por justiça.

Em segundo momento os examinadores da oferta defendem o porquê a oferta do tirano deve ser aceita pelo os sacerdotes. Não poderiam recusar a oferta de um tirano tão bondoso e justo.

Ele faz a oferta com o intuito de se limpar aos olhos dos sacerdotes delfianos sabendo que assim também se limparia aos olhos das pessoas. Nesse diálogo Luciano cria um discurso de um tirano piedoso e justo, que apenas em alguns momentos pode ter sido mal interpretado.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Universidade Estadual de Goiás que me deu a oportunidade de realizar essa Iniciação científica como bolsista. Agradeço ao meu professor orientador de iniciação Edson Arantes Junior que nos proporcionou estudos agradáveis e relevantes, que sempre esteve disposto a nos ajudar esclarecendo nossas duvidas e nos dando um maior entendimento. Também aos alunos que caminharam junto nessa iniciação.

Referências

- Luciano de Samosata Obras IV. Tradução, introdução e notas de Custódio Margueijo. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013
- ARANTES JUNIOR, Edson. *Usos políticos da narrativa mítica em Luciano de Samósata: aspectos do regime de memória romano (séc. II D.C).* Goiânia: UFG, 2014 (tese de doutorado)
- SANO, Lucia. *Luciano de Samósata: Uma introdução*. In Oliva Neto et ali (orgs) Hellenistica. São Paulo: Humanistas, 2013.
- JUNIOR, Edson Arantes. *Luciano de Samosáta e o Império Romano : dilemas de um escritor na Segunda Sofística*. In : Novos Caminhos em velhos mapas. Anápolis, UEG, 2014.
- MURACHCO, Henrique G. Introdução, In: Luciano. Diálogo dos Mortos. São Paulo: Palhas Athenas, 2007. p. 9 – 40.